



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

DISCURSO E PODER NO COMBATE À PANDEMIA DE COVID-19



DISCOURSE AND POWER IN COMBATING THE PANDEMIC OF COVID-19

EMERSON LÁZARO SEBASTIÃO DE ANDRADE
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, BRASIL

MATHEUS ANDRADE CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, BRASIL

HUGO MARI
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 18/07/2020 • APROVADO EM 03/09/2020

Abstract

We seek with this article to relate the forms of discourse to power, which has favored so much the elite regarding the current government's discourse on standardizing the economy. With that, we will bring forward newspapers headline analyses, such as Folha de São Paulo, Estado de Minas and Jornal da Cidade, aiming at showing how discourses on Covid-19 impact the behavior of people in society, who end up prioritizing the economy to the detriment of health. We will seek to clarify how persuasive the courses of action of such discourses are and we will try to show how public policies are put in place in the country and the possible

alternatives for us to get out of the pandemic. We hope this project of transdisciplinary character manages to clarify the role of language in the context of collectivity, together with hegemonic discourses which eventually turn out to be a hindrance to eradicating the disease caused by the coronavirus agent. We will seek to elucidate that the attitudes that converge to decisions in the realm of public administration are strongly entangled with linguistics, after all, through the discourse, we can give effectiveness to power, hereby understood as a relation between those who subordinate and those who are subordinated.

Resumo

Pretendemos com este artigo relacionar as formas do discurso ao poder, que tanto tem favorecido elites no que concerne ao discurso do atual governo de priorização da economia. Com isso, traremos à tona análises de manchetes de jornais como **Folha de São Paulo**, **Estado de Minas** e **Jornal da Cidade** a fim de mostrar como os discursos acerca da Covid-19 impactam nos comportamentos das pessoas na sociedade, as quais acabam por priorizar a economia em detrimento da saúde. Buscaremos deixar claros o quão persuasivos são as formas de atuação desses discursos e tentaremos mostrar como as políticas públicas são trabalhadas no país e as possíveis alternativas para que saíamos da pandemia. Espera-se que esse trabalho de caráter transdisciplinar possa clarificar o papel da linguagem no contexto da coletividade, atrelado à discursos hegemônicos que acabam se tornando um empecilho na erradicação da doença causada pelo agente Coronavírus. Procuraremos elucidar que as atitudes que convergem às decisões no âmbito da Administração Pública estão fortemente imbricadas com a linguística, afinal, por meio do discurso podemos dar efetividade ao poder, aqui entendido como uma relação entre subordinantes e subordinados.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Discourse. Power. Discourse Analysis. Public Policies. Public Administration.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Poder. Análise do Discurso. Políticas Públicas. Administração Pública.

Texto integral

1. COMPREENDENDO O PODER ATRAVÉS DO DISCURSO

A nomenclatura “poder” pode ser entendida através de diversas formas. Podemos elencar a **Gramática do Poder** como uma obra interessante para a compreensão desta palavra. Em termos gerais, o poder é muito importante para a organização societal, contudo, trabalharemos com este termo no sentido de algo que possibilita a dominação de indivíduos da sociedade.

Contudo, chamaremos a atenção para o fato de que ser crítico quanto à organização hierárquica de um local, como o Brasil, envolve identificar, analisar e explicitar discursos proferidos por sujeitos de classes abastadas com o intuito de criar uma verdade, a qual toda uma sociedade periférica “deverá” seguir.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) será uma ferramenta que colaborará aos nossos objetivos, haja vista que, pelos textos é que podemos captar os discursos

proferidos por membros do governo, aliados, donos de empresas, etc. Têm-se o texto como unidade importante de investigação dos atos sociais, afinal, esses são produtos da interação verbal.

Não podemos negligenciar que a desobediência de muitas ordens está ligada ao fato da não aceitação das pessoas ou falta de legitimidade do ato imperativo, bem como a persuasão de quem está no comando sobre indivíduos que se encontram em situação desfavorecida na pirâmide da organização social.

Os discursos científicos, normalmente, possuem alta credibilidade. Ressalta-se, no entanto, que no atual momento em que estamos vivendo no Brasil, isso parece não ocorrer. Não vamos nos deter sobre isso, mas as Fake News se constituem como formas discursivas claras para que isso aconteça.

Em Fairclough (1989), intitulado **Language and Power**, diversos fatores que perpassam essa forma de manutenção de grupos x sobre y são expostos. Elementos contextuais, organização lexical, construção sintática, elementos textuais, turno de fala, posição dos sujeitos numa sociedade, dentre outros, fazem com que os propósitos sociocomunicativos sejam alcançados e haja a alienação das pessoas.

Nas próximas seções, faremos uma análise mais detalhada das Formações discursivas (FDs) presentes nas manchetes de jornais e a maneira pelas quais um fato é noticiado, corroborando para a eficácia ou não das prevenções contra a Covid-19, frente a uma população com suas crenças e valores, que ora são confirmadas, outrora refutadas.

A Administração Pública é factualmente uma área importante, pois saber como é seu funcionamento é imprescindível para o caráter cíclico de muitos discursos que atribuem supremacia ao quantitativo sobre o qualitativo. Claro, pensamos que essa visão não é apropriada, afinal, em tese, o Estado deve governar assegurando o bem-estar dos sujeitos, conforme **Constituição Federal da República Federativa do Brasil do ano de 1988**. Com isso, direitos e deveres dos cidadãos devem estar prescritos para a harmonia da União com Estados, Distrito Federal e Municípios.

Buscaremos tecer isso, com as políticas públicas da Covid-19, motivo de discussões entre os entes federativos e a população. Tentaremos mostrar a viabilidade de algumas políticas já adotadas e suas possíveis rejeições, bem como fatos que poderiam ser desenvolvidos com a finalidade de erradicar a doença e que não foram aplicados, sempre levando em consideração a importância das questões linguísticas no societal.

2. O DISCURSO E O PODER DURANTE A PANDEMIA

Uma das formas mais evidentes de atuar sobre os sujeitos, dá-se pelo domínio sobre os corpos, como podemos ver em Foucault (2019). Não basta com que pronunciemos esta palavra, todavia, ela acaba sendo vista, mesmo que de uma forma mais contida, evitando com que a população se rebele.

Foucault se debruçou em estudar os estrategemas ligados ao poder, seja nas prisões, escolas ou hospitais da loucura. Isso foi muito importante, afinal, pudemos perceber as construções acerca do poderio e ao mesmo tempo os ganhos

significativos que a sociedade tinha em produzir delinquentes, nas palavras do autor.

Agora, veremos isso de uma maneira mais contumaz no percurso desta pandemia de Covid-19. Como demonstra Dijk (2017), o discurso, o contexto (modelos mentais advindos dos indivíduos na experiência social), e a pragmática são relevantes para que entendamos os efeitos de sentido, bem como às formas pelas quais os sujeitos passarão a atuar.

O contexto não é propriamente a situação que os sujeitos se encontram na interação verbal, conforme o linguista Holandês. Digamos que o discurso é capaz de influenciar as mentes e para que possamos viver, modelos mentais (contextuais) sobre o mundo são criados.

Os discursos carregam consigo uma forte carga ideológica, porque os usuários de uma língua em sua experiência com o mundo, guiam-se pela vida através de posicionamentos construídos através de suas crenças e opiniões, que por si, levará ao compartilhamento de fatores ideológicos.

O que está em voga neste artigo é o que mostrou Fairclough (1989), de fato. Em uma de suas pesquisas, há um diálogo entre médico e paciente. No entanto, as conversas entre os dois não são livres, existem normas protocolares que fazem emergir certa superioridade do médico sobre o paciente. Não obstante, os instrumentos da lei, tais como o diploma, credibilizam o profissional a dar o veredito em termos das doenças.

Esta pesquisa feita pelo estudioso é muito interessante, pois a posição que ocupam na sociedade, os modos como operam os discursos, os altos índices de interrupção na fala do paciente, demonstram-nos quem seria o detentor do saber. Neste caso, somente resta a pessoa que está numa consulta seguir as prescrições médicas.

Talvez devêssemos utilizar um termo mais apropriado para essa relação entre ambos, entrelaçado a um certo abuso do profissional sobre o paciente. Entretanto, a forma habitual tem uma fundamentação não só de *statuo quo*, porém de fazer com o que se cumpra elementos ligados à Ciência.

No período em que estamos vivendo de uma pandemia cujo potencial biológico é grande, a economia foi afetada fortemente. Chefes de Estado pareciam não acreditar no que viam, ou seja, desequilíbrio das nações em diversos aspectos, deixando saliente as desigualdades existentes. O Brasil, com um presidente eleito pela população, cujos lemas eram a integridade do Estado, a mínima intervenção deste nas questões econômicas, tem amargado centenas de mortes. A eleição de Bolsonaro ocorreu num momento em que as medidas traçadas durante 13 anos de PT causaram revolta na classe dominante, imbricado aos episódios de corrupção do governo anterior. Valendo-se de várias Fake News, como aponta o jurídico brasileiro por meio do Supremo Tribunal Federal, meio em que inquérito envolvendo o presidente está sendo investigado.

A revolta da população com o PT e a ascensão de Bolsonaro, tudo isso se deu devido a uma forte influência midiática, nos quais os discursos causavam uma má impressão dos apoiadores do ex-presidentes que antecederam Jair. Recursos verbo-visuais eram bem trabalhados, como forma de construir um aspecto de Brasil ideal na figura da extrema-direita.

Como veremos adiante, governar um país não é algo simples, principalmente, se se trata de um lugar de tamanho Continental. O discurso da medicina acabou por dar lugar ao econômico. As atitudes do presidente sempre contrariavam as sugestões dos órgãos de saúde. Preocupadas com o desemprego, frente a um neoliberalismo forte, muitos indivíduos passaram a crer que tínhamos um país falido. Deu-se com isso, a indiferença do Estado com o alto índice de mortes, algo que se tornou um problema para a Administração Pública. As políticas desenvolvidas em muitas nações europeias com a finalidade de manter a população em casa, foram substituídas pelo medo.

Entramos num grande entrave, o discurso governamental ganhou muita visibilidade. A imagem construída é de um país que precisa retornar a economia, sendo que, neste intuito, a esfera federal não tem medido esforços para dar assistência aos necessitados. A grande assertiva parece ser, volte ao trabalho, o Brasil está acima de tudo, quando sabemos que na verdade, os interesses da elite são soberanos.

Poucas políticas públicas foram adotadas para que tivéssemos êxito no combate a Covid-19. Traçou-se discursivamente a imagem de governos estaduais vilãs e, pelas atitudes de desobediência do presidente, a projeção imagética de que não há riscos oriundos da Covid-19, bem como doxas que persuadem a pessoa a dizer, mortes acontecerão, isso é inevitável. Numa estratégia interdiscursiva, traz-se à tona algo que nos lembra muito a ditadura “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Não importa a vida das pessoas, mas os lucros obtidos país.

Intempestivamente, o espírito de coletividade deu lugar ao individualismo, tanto na máquina pública, como nas crenças compartilhadas através das pessoas. Precisa-se trabalhar, destarte, nas ruas estarão quem quer. Os que precisam de auxílio emergencial acabam por prejudicar o país. Como na obra de Orwell, os números de óbitos chegaram a uma catástrofe, de tal maneira que os órgãos ligados aos governos começaram a agir como o Ministério da Verdade. Fazer quer que coisas vão bem, modificando os dados, e discursando em termos de crescimento da nação, são fatores implícitos, mas que colaboraram para a manutenção do poder das elites.

Ao mesmo tempo, esta época foi o melhor pretexto para a diminuição de uma imagem positiva da democracia. A seguir, teremos um capítulo destinado a entender os fatores conjunturais entre Administração Pública e Políticas Públicas, de forma que chegaremos a parte final deste artigo realizando uma análise das manchetes de alguns dos principais jornais no país.

3. A LINGUÍSTICA SOB A ÓTICA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Segundo Junquillo (2010), o formato da Administração Pública atualmente é diferente da perspectiva que se tinha há algumas décadas. Isso porque as reformas realizadas durante a história no Brasil, os líderes constituíram novas maneiras de governar. A princípio, a forma de governo era baseada nos líderes que possuíam mais poder social, o que era visto como carisma e capacidade para governar. Posteriormente, a maneira de governar foi sendo adaptada às novas diretrizes e, por fim, foi ficando mais democrática e menos centralizada em grupos específicos.

Embora os modos de escolher os governantes tenham se tornado mais democráticos, ainda há dominação por parte dos governantes sobre os cidadãos.

A estrutura do poder na Administração Pública pode ser vista a partir de formas distintas. Uma delas é pela dominação, explicada por Weber (1984). A dominação segundo o autor, é dividida em duas: carismática e racional/legal. De acordo com o autor Junquillo (2010), a primeira caracteriza a Administração Pública Patrimonialista e é originada pela legitimação do carisma que o dominador possui e por isso julga ser superior aos demais por possuir essa virtude, como um dom ou algo sobrenatural. A segunda, racional/legal, é caracterizada pela Administração Pública burocrática e tem como fundamento a legitimação de domínio baseada em regras, normas, estatutos e meios burocráticos para o exercício de poder e obediência.

Portanto, o exercício do poder de um governante, atualmente, está sob a forma racional definida por Weber (1984). Isso implica que há normas, neste caso, o voto é a legitimação popular na sociedade, pois, fizeram que um governante x pudesse dominar os demais, dando aceitabilidade de Estado, de tal forma que os cidadãos aceitam as ordens colocadas em cena. Na linguística, Epstein (1993) também aborda essa visão do poder.

Entretanto, atualmente, observa-se que o discurso de um Chefe de Estado, mesmo legitimado, conta muito para sua aprovação e aceitação. Dados divulgados pelo Datafolha (2020), indicaram que a rejeição do povo pelo atual governante do Brasil, Bolsonaro, bateu recorde e chegou a 43%. Essa pesquisa também identificou que o resultado foi influenciado por uma polêmica reunião em que o chefe do executivo proferiu diversas palavras de baixo calão, bem como operou com formas discursivas que davam a entender que havia um tom de ameaça ao futuro do país.

Diante disso, pode-se explicar pela Teoria da Ação Comunicativa (TAC), proposta por Habermas apud Sant'Anna (2019), a causalidade das atitudes tomadas pelo chefe do executivo e o que isso implica na evolução de problemas governamentais em diversos setores, incluindo a saúde em âmbito nacional. De acordo com Alcântara et al. (2017), a racionalidade comunicativa de Habermas é essencial nos espaços públicos porque define como o diálogo e a comunicação podem contribuir para o entendimento dos sujeitos nas diversas esferas sociais. A comunicação e o diálogo emancipam os sujeitos, que por sua vez, podem se tornar agentes importantes na emancipação de novos sujeitos e instituições.

Sant'Anna et al. (2019), entende que a relação entre Estado e sociedade está sob uma racionalidade instrumental, sendo que, a predominância em interesses econômicos, está presente a bastante tempo no papel da gestão pública. A crítica da TAC à racionalidade instrumental, envolve justamente a promoção de diálogos entre sujeitos, de modo com que esses possam se tornar emancipados da dominação de forma racional.

De acordo com Sant'Anna et al. (2019), a TAC elenca quatro pressupostos para que a comunicação entre os indivíduos seja plena e possa ser compreendida: a) verdade proposicional (o que se faz e se fala é verdadeiro); b) veracidade (expressão sincera da subjetividade); c) correção normativa (adoção de princípios morais); e d) inteligibilidade (discurso compreensível). Analisando os discursos do chefe do executivo no Brasil entre 2019 e 2020, nota-se que, baseado no ato de fala

e no agir comunicativo proposto pela TAC, os discursos não estão de acordo com os pressupostos para a plenitude comunicativa.

4. AS ATITUDES DO GOVERNO FEDERAL DIANTE DA PANDEMIA DE COVID-19

Nesta seção, analisaremos manchetes coletadas dos Jornais Folha de São Paulo, Jornal da Cidade Online e Estado de Minas. O nosso objetivo é demonstrar como o discurso tecido a partir dos textos escolhidos, corroboram para que tenhamos uma visão predominantemente econômica do período marcado pela Covid-19.

Procuramos escolher dois jornais cujas credibilidade são consideradas fortes na sociedade brasileira, a saber, Folha de São Paulo e Estado de Minas. Não obstante, propusemo-nos a elencar o Jornal da Cidade Online, em que muitas notícias trazem índices favoráveis ao governo Bolsonaro. Cabe salientar que, a última fonte, está primariamente no alvo da justiça por ajudar na propagação de *fake-news*.

No que tange o atual momento vivenciado no país, diversas manchetes e textos podem colaborar para que tenhamos uma visão dos comportamentos dos sujeitos na sociedade, haja vista que os aspectos da linguagem estão diretamente relacionados às práticas sociais.

A primeira notícia que analisaremos será da Folha de São Paulo. Salientamos que o parâmetro contextual das manchetes elencadas segue uma mesma lógica em termos temporais. Sabe-se que vivemos uma época de pandemia em que todos os cuidados com relação à saúde são necessários, no entanto, a voz científica no governo Bolsonaro não tem tido notoriedade, pois as normas de bem-estar social têm sido desacatadas. Em algumas vezes, o chefe do Executivo foi em cadeia nacional falar da importância de se manter a economia ativa, desconsiderando a credibilidade de especialistas da Organização Mundial da Saúde (OMS), dentre outros órgãos ligados a área. Muitas vezes termos pejorativos foram usados para descrever a Covid, citamos “gripezinha”. Observem que o sufixo no diminutivo -inha estabelece semanticamente na práxis despreocupação com a doença considerada séria.

Manchete 1 – Folha de São Paulo 7/7/2020

Infectado, Bolsonaro tenta usar coronavírus como aliado na crise

Presidente minimiza Covid-19, critica estados e faz propaganda da hidroxiclороquina

De antemão, o presidente cuja descrença pelo Coronavírus é grande, acabou contraindo a doença. Como forma de dar ênfase ao fato, o jornal topicaliza esse elemento, dando importância ao termo “infectado”. Sabe-se também que vivemos uma crise tanto institucional como societal no que concerne à saúde. De início, a manchete apresenta duplo sentido, pois não diz a qual crise se trata. Em seguida, profere o verbo “tentar” e o léxico “aliado”, dando ideia de que o Coronavírus pode ser uma saída para os termos econômicos, afinal, o presidente contraiu a doença e tem apresentado sintomas leves, porém, de maneira indiscriminada afirma a eficácia da cloroquina¹ a partir de suas experiências sem ao menos ter embasamento científico.

Ao contrário de uma leitura supérflua, a crise que estamos lidando não é puramente da saúde. Neste sentido, o jornal traz um aspecto de informatividade importante. Se avançarmos para lide teremos três verbos fulcrais para comprovação de nossa tese, amparada na atualidade, a saber: “minimiza”, “critica” e “faz”. Pois bem, quando o jornal coloca o primeiro verbo, ocorre que o chefe do Executivo tenta amenizar as mais de 70 mil mortes até o momento da escrita deste artigo, porém, criticando os governadores de cada estado. As assertivas linguísticas para isso seriam: a) as pessoas podem ficar tranquilas com relação à Covid; b) a falta de atitude dos estados tem agravado e causado medo da doença nos indivíduos; c) a hidroxicloroquina tem sim eficiência, tanto que, o presidente a utiliza.

Destarte, o jornal não noticiaria algo de uma forma tão singela e observamos isso pelo recurso da ambiguidade acima na palavra “crise”.

Manchete 2 – Estado de Minas 10/07/2020

Coronavírus: sem evidência, governo relaciona cloroquina a contágio menor

Ministério da Saúde disse que o medicamento fez a pandemia perder força

Indo ao encontro do noticiado pela Folha de São Paulo, o jornal Estado de Minas dá a entender que o governo também está usando a cloroquina como uma forma de dizer que estamos dentro do esperado na saúde para uma pandemia. O título traz bem claro o que será abordado em termos de conteúdo, isto é, Coronavírus. Diante dos conhecimentos extralinguísticos de uma pessoa, sabe-se

¹ Medicamento que tem sido usado em algumas ocasiões para combater o Covid-19 no Brasil. No entanto, de acordo com pesquisas publicadas pelo New England Journal of Medicine (2020), o remédio não apresentou resultados significativos em relação às pessoas que não fizeram o uso de qualquer medicamento.

que medidas que possam mitigar e erradicar doenças dependem de um minucioso estudo. Nesta tangente, o jornal se vale do termo “sem evidência” como forma de mostrar o supracitado. Numa ótica de proporcionalidade, as palavras “relação” e “menor” ligam-se ao sintagma nominal “contágio”, supondo que, sujeitos que fazem uso do remédio têm maior chance de cura. Contudo, não se pode fazer uma leitura ingênua, afinal, o uso da estratégia de contraposição é usada, trazendo caráter dubitável aos ditos do Excelentíssimo presidente. Na lide, existe uma citação indireta marcada pelo verbo *discendi*, ou seja, diz, em que o Ministério da Saúde comprovaria a eficácia do medicamento. Pode-se pensar a partir das duas manchetes analisadas até aqui em Grice (1982), no qual há um estratagema em criar discursivamente uma imagem positiva dos veículos de comunicação que informam em detrimento dos órgãos do governo e até o próprio presidente que fala sem comprovar os fatos.

Manchete 3 – Folha de São Paulo 07/06/2020

Após ameaçar sonegar dados, governo promove confusão com números da Covid-19

Dois dados divergentes foram divulgados de casos confirmados e de mortes da doença neste domingo (7)

Atrelado ao que já mencionamos anteriormente, aqui temos um léxico que expressa uma forte transgressão do governo, no entanto, de forma exacerbada, marcada pelo sintagma verbal “ameaçar sonegar”. Com isso, temos algo parecido com o descrito em **1984**, do autor George Orwell, onde tínhamos um Ministério da Verdade que em nada dizia de verídico. Em seguida, não basta agir de uma forma inesperada, a esfera federal “promove confusão”, dando a mesma ideia negativa que encontramos muitas vezes em atos de manifestação. Aqui, a diferença decorre do elemento divulgado, estatísticas da Covid-19. A lide esclarece este ponto de vista, tendo em vista que o Executivo teria divulgado dois dados divergentes. Ao leitor atento, ocorre semanticamente uma leitura de algo proposital no sentido da manipulação de dados e a manutenção da ordem hegemônica do governo.

Manchete 4 – Estado de Minas 01/07/2020

Kalil critica postura 'negativista' de Bolsonaro ante pandemia: 'Foi um desastre para o Brasil'

Para o prefeito de BH, presidente teve 'compromisso com o erro' ao não agir rapidamente contra o coronavírus

Desta vez, o jornal Estado de Minas traz um recurso linguístico interessante, que é o uso das aspas simples. Dentro de uma fala proferida pelo prefeito da cidade de Belo Horizonte, Alexandre Kalil, 'Foi um desastre para o Brasil' tem-se a crítica do munícipe com relação ao governo Bolsonaro, expresso por 'negativista'. Normalmente, as aspas simples são usadas para destacar um discurso dentro de outro. Desse modo, a fala do prefeito ganha destaque em época de pandemia pois o verbo "critica", seguido de "postura", procura construir na cena enunciativa a ideia dos erros cometidos pela instância federal ao não dar aporte a estados e municípios nesta época tão complicada de pandemia. A lide comprova isso também, pois nas palavras proferidas por Kalil 'compromisso com o erro' estaria ligado a gestão do presidente.

Manchete 5 – Jornal da Cidade Online 14/03/2020

Bolsonaro anuncia liberação de R\$ 5 Bilhões para combater o Coronavírus

O Jornal da Cidade Online conforme mencionamos tem sofrido processos por utilizar de textos falsos para denegrir a imagem de governadores, ministros do STF etc. Nesta manchete, que por sinal é bem curta, a mídia traz um quantitativo expressivo em termos de dinheiro, isto é, "R\$ 5 Bilhões" como forma de combater a Covid-19. Mostra-se uma face extremamente positiva do líder do Executivo brasileiro, ao contrário dos demais jornais. Além disso, é trazido o verbo "anunciar" que torna fidedigno o ato do presidente, na medida em que ele próprio tem tomado a linha de frente no combate à pandemia, contrariando vozes que procuram afirmar o oposto.

Em geral, as Formações Discursivas (FDs) que se entrecruzam nestas manchetes são a do jornal, com sua linha editorial, a política, a economia, a saúde e a Administração Pública.

5. O DISCURSO E PODER: A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

De acordo com Dijk (2017), as estratégias textuais-discursivas irão ao encontro do que seria social, pois os modos como expressamos por meio dos discursos, tendem a elucidar o racismo, problemas na saúde pública, bem como nos demais serviços sociais. Para que se mantenha uma população longe de uma rebelião é necessário convencê-las de que as coisas vão bem, aproveitando do poder legitimado aos governos pela sociedade. Sabemos pelas palavras de Epstein (1993), a massa (povo que não pertence às elites) somente são consultadas sobre questões nas sociedades em períodos eleitorais, dando a ideia de uma maior participação.

Os discursos usados pela classe dominante são convincentes, como em, “voltemos a trabalhar, a Covid-19 não é de nada” (grifo nosso). No entanto, leitores aptos a perceberem todos os índices linguísticos e discursivos são importantes, tende-se a adotar ideologias compartilhadas pelo grupo hegemônico, que por si, mantém o poder pela manipulação que não é “escancarada”, conforme diz o prof. Hugo Mari em suas aulas na PUC Minas, numa disciplina chamada -Discurso político: Linguagem, poder e ideologia- pois se assim fosse, o rebelar-se seriam comum. Existem várias formas de apelo ao outro como modo de continuar no poder e não discutiremos neste artigo, mas a principal delas se dá no linguístico.

Todo este aspecto influenciará na Administração Pública no que se refere ao modo de como os governantes usarão o discurso a seu favor para convencerem seus seguidores a elegê-lo. Diante disso, o discurso assume uma forma de dominar que compreende o poder em seu modelo carismático, ou seja, o governante utiliza da persuasão para garantir sua aceitação. Platão, em **A República**, argumenta como o governante ideal deveria ser. Para ele, o ideal seria um ser dotado de virtudes, intelecto e senso de justiça.

Entretanto, o discurso é um fator que diferencia a aceitação de qualquer agente político que queira estar no poder. O que se observa atualmente, no entanto, é o discurso de Bolsonaro que cada vez mais inverte sua aceitação frente a sociedade. Devido às contradições em suas falas, a aprovação do presidente reduziu muito em relação às pesquisas anteriores, segundo pesquisa da Datafolha (2020).

O impacto da saída do ex-ministro Sérgio Moro, afetou a aceitação do governo atual, porque o ex-juiz possuía grande aceitação pública devido às suas “ações” contra a corrupção no Brasil envolvendo o ex-presidente Lula. Dessa maneira, a exoneração de um dos ministros mais influentes do governo, em grande parte, colaborou para uma certa “derrocada” da gestão Bolsonaro. Outras saídas como a de dois ministros da saúde do governo atual serviram como motivação para o aumento da rejeição de Bolsonaro. Diante uma pandemia que amedronta os cidadãos, a economia e a saúde pública, a ideia de garantir o bem-estar e a felicidade da população brasileira deixa a desejar por causa da má gestão bolsonarista.

De acordo com o utilitarismo proposto Bentham apud Sandel (2015), um governo deveria maximizar a felicidade da comunidade. Para isso, legisladores e cidadãos precisariam minimizar os custos e elevar os benefícios para que houvesse felicidade e utilidade. O que queremos dizer com isso é que os benefícios devem ser assegurados à sua comunidade, e, portanto, uma ferramenta essencial é um gestor competente que esteja seguro de que o bem está sendo feito para a população de seu país.

Por outro lado, o que vemos atualmente é a exoneração frequente de ministros de pastas fundamentais para o país. A pasta da saúde, no recente momento de pandemia, se torna fundamental para o enfrentamento do vírus. Entretanto, o Ministério da Saúde não possui um titular desde a saída de Nelson Teich, último ministro titular da pasta.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como foco mostrar através da transdisciplinaridade aspectos condizentes com a pandemia de Covid-19, levando em consideração a linguagem e a sociedade. Pensar em linguagem é lembrar de algo fundamental à sobrevivência humana. Os organismos se comunicam entre si por uma intensa atividade discursiva, marcada pelas posições os quais ocupam os sujeitos e que colaborará para que os textos ganhem formas mais adequadas às comunicações humanas, conforme aponta Bazerman (2006). Deste modo, os gêneros discursivos estarão presentes corriqueiramente na vida de todos e escolheremos os textos de acordo com os propósitos sociocomunicativos que temos diante de *outrem*. Expressar-se envolve vários aspectos que vão desde a forma até a negociação dos autores no que condiz a comunicação.

O poder estará presente em nossas vidas, pois serve a organização de uma sociedade, assim como seus abusos serão formas de apropriação de elementos da vida social, da imposição sobre os corpos (FOUCAULT, 2018). As pessoas cujo o *ethos* são capazes de persuasão e que possuem alto *status quo*, com a ajuda das elites simbólicas – médicos, professores, jornalistas etc. – conseguirão manter seu poder hegemônico.

A crise em nosso país ocorre preponderantemente devido à falta de diálogo, aos discursos que convergem para o poder, as propagandas que contrariam os fatores científicos, no caso do uso da cloroquina, a qual tem gerado lucros aos laboratórios, porém acentuando os problemas da saúde pública, de forma com que, como diz a historiadora Lilia Schwarcz em sua palestra ocorrida em janeiro de 2020, na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, acerca da obra **1984**, temos caminhado para o retrocesso devido ao retorno de um pensamento que não é conservador puramente, mas retrógrado. A construção imagética de textos, os turnos de fala, as escolhas lexicais etc., todas têm sido utilizadas como modo de demonstrar uma sociedade muito parecida com a Europa, a exemplo, de propagandas do ENEM, onde temos o “embranquecimento” das pessoas.

Contudo, privilegiar a diversidade, investir em pesquisa e tecnologia, criar condições plurais para o acesso do discurso científico, faz-se necessário, afinal, com o tempo teremos o desafio de formar pessoas que possam se valer da língua de forma reflexiva e crítica, ajudando a erradicar as disparidades sociais. Não podemos deixar de lembrar que a vida de todo ser humano é política.

Referências

ALCÂNTARA, Valderi de Castro, et al. Fatos, valores e o mundo-da-vida: argumentos epistemológicos para avaliação no âmbito da gestão social. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, nº 4, Artigo 4, Rio de Janeiro, Out./Dez. 2017.

APÓS AMEAÇAR sonegar dados, governo promove confusão com números da Covid-19. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/apos-ameacar-sonegar-dados-governo-promove-confusao-com-numeros-a-covid-19.shtml>> Acesso em: 11 jul. 2020.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Tradução e adaptação Judith Chambliss Hoffnagel. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BOLSONARO anuncia liberação de R\$ 5 Bilhões para combater o Coronavírus. Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/19330/bolsonaro-anuncia-liberacao-de-r-5-bilhoes-para-combater-o-coronavirus>>. Acesso em: 11 jul. 2020

CORONAVÍRUS: sem evidência, governo relaciona cloroquina a contágio menor. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/07/10/interna_nacional,1164566/coronavirus-sem-evidencia-governo-liga-cloroquina-a-contagio-menor.shtml> Acesso em: 11 jul. 2020.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e Poder**. HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karina (Org.). 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

EPSTEIN, Isaac. **Gramática do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. New York: Longman, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

GIELOW, Igor. **Infectado, Bolsonaro tenta usar coronavírus como aliado na crise**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/07/infectado-bolsonaro-tenta-usar-coronavirus-como-aliado-na-crise.shtml>>. Acesso em: 11 jul. 2020

GIELOW, Igor. **Rejeição a Bolsonaro bate recorde, mas se mantém, diz Datafolha**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/rejeicao-a-bolsonaro-bate-recorde-mas-base-se-mantem-diz-datafolha.shtml>>. Acesso em 08 jul. 2020

GRICE, Herbert Paul. **Lógica e conversação**. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: Dascal, Marcelo (Org). *Fundamentos Metodológicos da Linguística*. Vol. 4. Campinas, SP: Unicamp, 1982.

JUNQUILHO, Gelson Silva. **Teorias da administração pública**. /Gelson Silva Junquilha. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília]: CAPES: UAB, 2010. 182p.: il.

MAAKAROUN, Bertha, et al. **KALIL critica postura 'negativista' de Bolsonaro ante pandemia: 'Foi um desastre para o Brasil'**. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/07/01/interna_politica,1161546/kalil-critica-postura-negativista-de-bolsonaro-ante-pandemia.shtml>. Acesso em: 11 jul. 2020

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Alexandre Hunber & Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PLATÃO. **A República**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2007.

SANDEL, Michael J. **Justiça – o que é fazer a coisa certa**. Tradução de Heloisa Matias e Maria Alice Máximo. 19 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SANT'ANNA, Lindsay Teixeira, et al. Aproximações entre governança colaborativa e ação comunicativa: uma proposta analítica de estudo. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro 53(5):821-837, set. - out. 2019.

WEBER, Max. **Economia y sociedad**: esbozo de uma sociologia comprensiva. México: Fondo de Cultura, 1984. 1237 p.

Para citar este artigo

ANDRADE, E. L. S. de A.; CARVALHO, M. A.; MARI, H. Discurso e poder no combate à pandemia de Covid-19. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 384-397.

Os Autores

EMERSON LÁZARO SEBASTIÃO DE ANDRADE é mestrando em Linguística no campo de pesquisa da Linguagem e Enunciação: Interações Sociais e Práticas Discursivas pelo Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

MATHEUS ANDRADE CARVALHO é graduando em Administração Pública pelo Departamento de Administração e Economia da UFLA.

HUGO MARI possui doutorado em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais e realizou, em 2001, estágio de pós-doutorado na Université Paris XIII. Atualmente, é professor do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.